



## SE JOGA NA PISTA, MON AMOUR

Uma experiência teatral com professoras de Artes

### PLAY ON THE TRACK, MON AMOUR

A theater experience with Art teachers

84

*Caio César Silva Rocha*<sup>1</sup>  
Universidade Federal de São João del-Rei  
[caioroitman@gmail.com](mailto:caioroitman@gmail.com)

*Aroldo Santos Fernandes Junior*<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[aroldo.fernandes@gmail.com](mailto:aroldo.fernandes@gmail.com)

#### Resumo

Este artigo é parte do trabalho monográfico intitulado “Teatro não é bagunça, meu bem: por uma prática docente político-libertária” e busca refletir sobre a importância da prática docente em teatro, pautada no desenvolvimento da criticidade, autonomia e liberdade dos/as educandos/as, para a desconstrução de preconceitos e a edificação de conhecimentos necessários para a compreensão e respeito da diversidade sexual. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um curso de iniciação teatral ministrado para professoras de Artes, da rede estadual, do município de Jequié/BA, em que o tema sexualidades foi encenado/debatido/pesquisado, a partir dos pressupostos do Teatro-Fórum de Augusto Boal e do Drama Processo, de Beatriz Cabral.

**Palavras-Chave:** pedagogia do teatro; diversidade sexual; prática docente.

#### Abstract

This article is part of the monographic work titled "Theater is not a mess, honey: for a political-libertarian teaching practice" and seeks to reflect on the importance of teaching practice in theater, based on the development of criticality, autonomy and freedom of students, for the deconstruction of prejudices and the building of knowledge necessary for the understanding and respect of sexual diversity. The research was developed from a theatrical initiation course given to art teachers, of the state education network, of the city of Jequié / BA, in which the theme sexualities was staged / debated / researched, based on the assumptions of the Forum Theater of Augusto Boal and the Drama Process, by Beatriz Cabral.

**Keywords:** theater pedagogy; sexual diversity; teaching practice.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Campus Tancredo Neves - CTAN. Especialista em Metodologia do Ensino de Arte pela UNINTER. Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Jequié. Ator.

<sup>2</sup> Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Licenciatura em Dança pela mesma instituição. Professor dos cursos de Licenciatura em Dança e Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Jequié. Bailarino. Coreógrafo.



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

Durante as minhas vivências artístico-docentes – como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>3</sup> ou como professor estagiário<sup>4</sup> - em escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Jequié, pude perceber que a maioria dos/as educadores/as que leciona Arte não possui formação na área de teatro, fato que dificulta a inserção dessa linguagem em sala de aula. Diante de tal problemática, esses/as profissionais trabalham, em suas aulas, com desenhos, pinturas, artesanatos e leituras de textos, o que torna, para muitos/as alunos/as, as aulas cansativas, chatas e, sobretudo, desnecessárias.

Outro problema detectado é o fato dos/as docentes de Arte não inserirem a questão da diversidade sexual em suas aulas, tendo em vista que essa aula é, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais/Artes – PCN (1997), um ambiente propício para discussões de temas que permeiam a sociedade, o que favorece o desenvolvimento crítico, cultural e pessoal dos/as estudantes, como também dos/as professores/as.

Diante desses impasses, resolvi desenvolver, durante a disciplina Estágio Supervisionado IV: Prática Artística Pedagógica em Projetos de Extensão, ministrada pela professora Dra. Cristiane Barreto, no semestre letivo 2015.2, o curso Teatralizando a Sala de Aula: Jogos, Sexualidades e (Des)aprisionamentos, na tentativa de propiciar aos/as docentes da área artística o conhecimento acerca das práticas teatrais, bem como a inserção, nos jogos, do tema diversidade sexual. Sendo assim, o curso teve por objetivo sensibilizar e informar os/as professores/as de Arte, quanto à importância do Teatro para a formação crítica, política e intelectual dos sujeitos, como também oportunizar a esses/as educadores/as

conhecimentos a respeito das práticas teatrais, a partir dos pressupostos do Teatro-Fórum - Técnica do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (2012) e do Drama Processo, de Beatriz Cabral (2006).

Além disso, o projeto também teve por intento inserir, nos jogos trabalhados, questões pertinentes à diversidade sexual, para que fossem encenadas, pesquisadas e debatidas, a fim de oportunizar aos/as professores/as, em suas aulas, informações relevantes sobre a temática, bem como possibilitar a inserção de outros temas que permeiam a sociedade.

### DEVANEIOS DE UMA EXPERIÊNCIA TEATRAL COM PROFESSORAS DE ARTES

A disciplina Artes/Teatro, no currículo escolar, possui grande relevância para o desenvolvimento crítico, intelectual, sensível e perceptível dos/as educandos/as. Contudo, é importante ressaltar que o teatro não é o “meio”, o “auxílio” e/ou a “válvula propulsora” para o enriquecimento pessoal dos/as discentes, mas sim, um processo artístico-político ou – por que não dizer? – um dos personagens principais no processo de ensino/aprendizagem dos/as alunos/as.

Neste sentido, é importante que os/as docentes da área se mantenham, de acordo com o que afirma Araújo (2005), sempre atualizados/as sobre as práticas e metodologias específicas em teatro. Além disso, de acordo com Perobelli (2013, p. 219), é função do/a educador/a da referida área

provocar deslocamentos. Mudar as coisas de lugar. Promover espantos. Despertar a imaginação. Distorcer o olhar. Interromper as ações mecânicas. Possibilitar experiências. Abrir espaço. Permitir o sensível. Brincar com

<sup>3</sup> Fui bolsista PIBID dentre os anos 2012 a 2016, pelo subprojeto Poéticas de Ensino na EJA: Tempos de Vida, de Teatro e de Literatura, coordenado pela professora Dra. Carla Meira Pires de Carvalho.

<sup>4</sup> Aqui, me refiro à experiência com a disciplina Estágio Supervisionado III: Prática Artística Pedagógica na Educação Básica, no semestre letivo 2015.1. Nesse estágio, pude vivenciar uma experiência como professor de Artes/Teatro, no Colégio Modelo Luís Eduardo

Magalhães, para uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Antes de iniciar o processo, questionei à professora da disciplina sobre qual conteúdo de teatro era trabalhado com os/as alunos/as. Não foi nenhuma surpresa ouvir da docente que a mesma não trabalhava com o teatro – tampouco com as outras linguagens artísticas – por não possuir uma formação na área. Ela havia assumido a disciplina no intuito de completar carga-horária, fato que é ainda muito comum nas escolas.



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

o sério. Jogar para o alto. Pintar outras possibilidades. Dançar o risco.

Na cidade de Jequié, porém, muitos/as docentes de Arte não possuem conhecimento sobre as realidades apontadas por Perobelli (2013) e Araújo (2005). Além disso, a grande maioria não vê o Ensino de Teatro de maneira importante no desenvolvimento crítico, artístico<sup>5</sup> e lúdico dos/as educandos/as. Esses/as profissionais assumem a disciplina no intuito de completar a carga-horária, fato que corrobora para o preconceito de que a(s) arte(s), em sala de aula, serve(m) apenas como mero divertimento e/ou passatempo. Frente a essa realidade difícil, o curso Teatralizando a Sala de Aula buscou capacitar esses/as docentes no intuito de proporcionar experiências artístico-políticas para profissionais sem nenhum tipo de formação na área.

O curso iniciou<sup>6</sup> com oito professores/as inscritos/as, dentre eles/as seis mulheres e dois homens. No entanto, a partir do segundo encontro, apenas três professoras<sup>7</sup> compareceram, permanecendo assim até o final<sup>8</sup>. Durante as três primeiras aulas ficou visível que as educadoras – que neste texto serão identificadas como alunas docentes, professoras alunas e discentes professoras – que ali estavam, buscavam, no curso, “brincadeiras” e “dinâmicas” para serem trabalhadas com os/as seus/suas alunos/as, não apenas na disciplina Arte, mas também e, sobretudo, nas outras disciplinas que lecionam, no intuito de utilizar os jogos como auxiliares no aprendizado dos conteúdos aplicados.

Mesmo sabendo que essa não era a proposta do curso, permiti que as docentes

embarcassem nesse pensamento, para que se mantivessem encantadas com a proposta. Contudo, também sabia que, no decorrer das aulas, semelhante raciocínio deveria ser desconstruído, pois as professoras precisariam entender as práticas teatrais como caminhos artístico-metodológico-políticos para serem utilizados apenas nas aulas de Arte, visto que esta possui a mesma relevância que as outras disciplinas, no desenvolvimento crítico, reflexivo e emancipatório dos sujeitos nela inseridos.

É importante asseverar, entretanto, que dispoño de uma carga-horária de 30 (trinta) horas para o cumprimento do estágio, o curso não teve pretensão de “formar” professoras de teatro, mas sim introduzir conhecimentos a respeito das práticas teatrais, bem como fornecer informações relevantes sobre a importância dessa arte em suas aulas. Foi intencionado também que, após o curso, as alunas docentes se sentissem motivadas a buscar cursos de formação continuada na área teatral.

Para que pudesse ocorrer a formação continuada, foi necessário que essas professoras experienciassem em seus corpos as práticas teatrais, no intuito de “ampliar a percepção sensível e dar-se conta do potencial criativo” (Perobelli, 2013, p. 221) de cada uma, o que possibilitou às docentes repensarem a busca incessante, no início do curso, por fórmulas prontas, oportunizando assim um novo olhar sobre as práticas teatrais. Nesse sentido, reconhece a professora D<sup>9</sup> que “É importante jogar, entender o sentido de cada jogo. Só assim me sinto preparada para levar para os meus alunos, em sala de aula. Não posso simplesmente ler como se faz o jogo 1, 2, 3 do

<sup>5</sup> É importante ressaltar que as aulas de teatro não pretendem formar artistas, mas sim oportunizar aos/as estudantes experiências em práticas teatrais.

<sup>6</sup> O curso foi ministrado na sala de informática do Colégio Estadual Professor Luiz Viana. O Núcleo Regional de Regional – NR22 foi um grande parceiro durante a realização das aulas, pois incentivou a participação das professoras. O Grupo de Pesquisa *Gap-Motus*, coordenado pelo professor Aroldo, também foi um grande parceiro do curso, pois proporcionou valiosos direcionamentos práticos e teóricos para a aplicação das aulas.

<sup>7</sup> As docentes que participaram do curso possuem formação em Educação Física e Letras Vernáculas

<sup>8</sup> Um dos fatores que podem explicar a desistência do público masculino é a inserção do tema diversidade sexual, um assunto que ainda é visto como espinhoso para muitos/as professores/as, sobretudo homens, pois, ao abordá-lo em sala de aula, esses docentes temem serem vistos pelos/as alunos/as, como homossexuais.

<sup>9</sup> Para preservar a identidade das professoras envolvidas no processo, seus relatos serão identificados pela primeira letra dos seus nomes.



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

Boal e aplicá-lo para turma. É preciso, antes de tudo, vivenciá-lo em meu corpo. (Professora D, 2016, s/p)”

Além disso, foi oportunizado, sempre ao final das aulas, o debate sobre os assuntos inseridos nos jogos, possibilitando assim que “o ensino de teatro se processe como um ato de construção e não apenas de assimilação” (Araújo, 2005, p. 90).

Por fim, após vivenciarem as práticas, criarem as cenas e debaterem sobre elas, essas docentes poderiam inserir suas vivências teatrais, em sala de aula, além de desconstruírem conceitos pré-concebidos dos seus/suas alunos/as de que o teatro na escola serve apenas como mero divertimento. Assim, poderão trabalhar a favor de uma verdadeira pedagogia social (Koudela, 2010), quando, a partir das aulas de teatro, será proporcionado aos/as estudantes interrogarem-se diante das “contradições de uma realidade que a cena já não lhe apresenta mais como evidente, mas sim como passível de ser transformada” (Koudela, 2010, p. 25).

### EM CENA: SEXUALIDADE(S) E APRISIONAMENTO(S) NO AMBIENTE ESCOLAR

A instituição escola (ainda) se constitui como um ambiente de reprodução de poder. Ali, aqueles ou aquelas que fogem da norma instituída socialmente são anulados/as, excluídos/as e disciplinados/as. Segundo Foucault (1987), os métodos regularizadores exercem uma função de repressão. Estas coerções, na maioria das vezes, são ininterruptas, constantes e, sobretudo, punitivas, pois “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de ‘disciplinas’” (Foucault, 1987, p. 118).

Ir de encontro à disciplina é uma função do professor/a de teatro. Este/a profissional tem em suas mãos, como assevera Boal (2013), uma arma muito poderosa, capaz de proporcionar aos/as educandos/as a desconstrução do dado, propiciando novas

leituras de mundo. Todavia, transgredir a norma não é uma experiência fácil.

De acordo com os PCN de Arte (Brasil, 1998), é uma atribuição das aulas de Teatro (como também da Dança, Música e Artes Visuais) inserir a questão das múltiplas sexualidades (ou temas transversais, como especificado no documento) em aula. Contudo, mesmo respaldado pelos Parâmetros Curriculares de Arte, o/a professor/a da área teatral, ao abordar diversidade sexual, assume uma iniciativa altamente transgressora, afinal, além de bater de frente com a norma, como assevera-nos Foucault (1987), a questão mexe com o pavor e o pânico (Furlani, 2007) dos/as alunos/as ao adentrar num mundo desconhecido e, muitas vezes, ignorado por eles/as.

No município de Jequié, muitos/as docentes de Arte – como também de outras disciplinas – não inserem a questão da diversidade sexual em suas aulas por não possuírem conhecimento sobre o assunto, e também por terem uma visão altamente equivocada de que a questão deve ser debatida apenas nas aulas de Biologia. Além desses obstáculos apresentados, pode ocorrer também, por parte de muitos/as profissionais “uma preocupação excessiva com a reação de pais e mães no que tange às manifestações da sexualidade por parte dos alunos e/ou às suas intervenções pedagógicas diante de tais manifestações” (Santos, 2013, p. 167).

Durante a realização do curso Teatralizando a Sala de Aula, a questão da diversidade sexual foi inserida/encenada/pesquisada/trabalhada/debatida a partir do quarto encontro, com o Teatro-Fórum, técnica do Teatro do Oprimido de Boal (2012), como também com o Drama Processo, proposto por Cabral (2006), a partir do oitavo encontro. A escolha se justificou pelo fato do tema (ainda) ser visto pelas educadoras como muito polêmico e, se inserido de início, poderia ocasionar a desistência delas.

No decorrer do curso, após as supracitadas questões serem debatidas, a partir dos jogos





TEATRO: criação e construção de conhecimento

propostos, as alunas professoras puderam entender a importância do teatro, como assevera Martins (2009), no processo de ressignificação de conceitos demarcadores dos limites de fronteiras entre os sujeitos heterossexual/homossexual nos diversos espaços e instituições sociais, igualmente a discussão desta temática na formação inicial e continuada de todos/as aqueles/as envolvidos/as com as práticas artístico-teatrais. Nesse sentido, reconhece a professora M:

A partir das discussões e das apresentações criadas e improvisadas durante o curso, abordando o tema da homofobia no espaço escolar foi possível refletir o quanto nosso ambiente de trabalho, que é, também, um espaço de educação, de formação política, social, cultural e cidadã, ainda é um espaço de reprodução de opressões e preconceitos. E, o mais agravante é que pouco se faz para o rompimento com essa cultura de preconceito e opressão. Ainda, lidamos com um sistema educativo arcaico e “conteudista” – onde se prioriza o conteúdo a ser passado em face da formação política, cultural e social do educando – e nesse contexto, a homofobia é uma das expressões de preconceito que é reproduzida no espaço escolar e que poucos educadores sabem confrontar, discutir, debater com os educandos (Professora M, 2016, s/p).

Além disso, é oportuno salientar que as práticas teatrais ministradas no curso atuaram no processo de aquisição de conhecimentos referentes às sexualidades, desestabilizaram conceitos e preconceitos das alunas professoras, aproximando-se da assertiva de Freire (2014) de que a educação é uma forma significativa de intervenção no mundo, intervenção esta que implica no desmascaramento de ideologias dominantes.

A seguir, pretendo relatar algumas experiências com as práticas do Teatro-Fórum e, posteriormente, com o Drama Processo.

### EXPERIMENTO ARTÍSTICO-POLÍTICO 1: TEATRO-FÓRUM

Ao desenvolver as técnicas presentes no arsenal do Teatro do Oprimido, Boal (2013, p. 123) afirmou que o T.O<sup>10</sup> foi criado para ser posto a serviço dos/as oprimidos/as, “para que estes se expressem e para que, ao utilizarem essa nova linguagem, descubram igualmente novos conteúdos”. Nesse teatro, o autor propõe métodos em que o/a espectador/a assumo o papel de protagonista da cena, transformando e/ou solucionando a ação inicialmente proposta com o objetivo de ensaiar soluções possíveis que serão utilizadas em seu dia-a-dia. De acordo com Boal (2012), o T.O difere da proposta de Aristóteles (2011), em sua Poética, que convida o público a se envolver emocionalmente e de forma catártica com a cena, acarretando assim a não reflexão sobre o espetáculo, e de Brecht (Koudela & Santana, 2005) que, apesar de oferecer ao/a espectador a conscientização política a partir da fruição estética, não delega a esse/a ação transformadora, ação essa alcançada quando o público entra em cena buscando possíveis soluções para a opressão evidenciada.

Com o passar dos anos, após o Regime Militar e o retorno de Augusto Boal ao Brasil, as técnicas do T.O foram inseridas em diversas instituições, dentre elas a escola e as universidades, trabalhando com oprimidos/as e, sobretudo, opressores/as, no intuito de desconstruir conceitos hegemônicos, possibilitando assim novos olhares, novas visões de mundo. Uma das técnicas mais utilizadas do Teatro do Oprimido é o Teatro-Fórum. Neste, atores e não-atores atuam em uma cena em que um caso de opressão é evidenciado. Posteriormente, a cena é repetida. Desta vez, os espect-atores<sup>11</sup> poderão intervir, buscando possíveis soluções para o problema e/ou o preconceito exposto.

<sup>10</sup> Sigla do Teatro do Oprimido.

<sup>11</sup> Para Augusto Boal (2012), o termo espect-ator significa ser participante, intervir, buscar possíveis soluções, prepara-se para a ação real. Durante uma apresentação

pública do Fórum os espect-atores devem ser incitados pelo/a curinga a intervir no esquete, durante as reapresentações, com o objetivo de buscar soluções possíveis para a cena.



No curso, nas práticas<sup>12</sup> utilizadas para a realização do Fórum, o tema homofobia foi inserido. Contudo, antes de prosseguir, é oportuno abrir um parêntese para relatar sobre o medo que as alunas docentes sentiram nas primeiras práticas em errar ou em não conseguir criar uma boa cena. Foi importante frisar para as professoras, ao constatar esse fato, que, durante a realização dos jogos, não existia “feito” nem “bonito”, como também não havia certo ou errado. O que realmente importava, naquele momento, era a experiência que estávamos nos prontificando a viver e que era preciso vivê-la plenamente (Perobelli, 2013).

Mas voltemos ao relato sobre os experimentos com o Tetro-Fórum. Os três primeiros encontros foram destinados aos conhecimentos práticos sobre a referida técnica do Teatro do Oprimido, e também a criação de uma cena em que um caso de homofobia fosse evidenciado, no intuito de, na aula posterior, a esquete pudesse ser apresentada para o público. Para a criação da cena, foi sugerido às professoras que se lembrassem dos/as seus/suas alunos/as que sofreram com os heteroterrorismos<sup>13</sup> (Bento, 2011) representados pelo bullying homofóbico/lesbofóbico, dentro e/ou fora da sala de aula. A orientação teve por objetivo “traduzir em imagem e ação aquilo que muitas vezes passa despercebido em nosso cotidiano de opressões naturalizadas” (Bortolini, 2015, p. 60), fato que objetivava o combate e a prevenção de toda forma de homofobia/lesbofobia nas escolas que as alunas docentes estavam inseridas.

Na quarta aula apresentamos uma cena, no Colégio Luiz Viana, que, como dito preliminarmente, foi o resultado de todo o processo construído nas aulas anteriores. A

cena intitulada “Homofobia na escola: o que fazer?” foi elaborada de forma colaborativa, possibilitando assim uma maior intervenção das alunas docentes. A coordenação, professores/as, direção do Colégio e convidados/as das discentes professoras foram chamados/as para fruírem a apresentação e, posteriormente, intervirem na esquete, buscando possíveis soluções para ela.

Em cena, a professora I interpretou Vitor, personagem oprimido da história. Por ser gay, ele sofre *bullying* homofóbico pela turma, sobretudo, por seu colega Riquelme, atuado pela docente D. Incomodado com as chacotas do colega, Vitor vai até à direção da escola conversar com a diretora Angélica, representada pela professora M. Durante o diálogo, a diretora acusa o aluno de dar motivos para que seus/suas colegas o tratem de forma preconceituosa e, por fim, o expulsa da escola. Em seguida, a cena foi reapresentada, dessa vez com a intervenção dos espect-atores. Uma das intervenções que mais me chamou atenção foi a de uma amiga de uma das professoras que, durante o diálogo entre Vitor (o oprimido) e Angélica (a opressora), entrou na cena interpretando o coordenador do Núcleo Regional. Durante o diálogo, o coordenador sugeriu que a diretora repensasse seus conceitos sobre diversidade sexual e encontrasse formas de inserir o tema no ambiente escolar. Além disso, o personagem também sugeriu que a direção deveria incluir Riquelme como o primeiro aluno desse curso sobre sexualidades, para que ele pudesse aprender a respeitar o “diferente”. Por fim, o coordenador disse a Vitor que, a partir daquele momento, ele não deveria mais temer, pois o preconceito seria extinto daquela escola.

<sup>12</sup> As práticas trabalhadas com as professoras foram retiradas do Livro Jogos Para Atores e Não-Atores, de Augusto Boal.

<sup>13</sup> De acordo com Berenice Bento (2011, p. 562) “[...] há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporte-se

como uma menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. [...] Quando um/a pai/mãe afirma “Isso é coisa de bicha”, essa sentença tem múltiplos efeitos. A criança não entende o que é aquele “bicho-papão” que provoca a ira da/o mãe/pai. Sabe que não quer ser rejeitado. Sabe, portanto, que não poderá (ainda que não saiba como) agir como uma bicha. Essas interdições ficam ainda mais claras ao longo da vida”.



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

A cena gerou um grande debate entre espect-atores e o elenco. Esse fato vai ao encontro da proposta de Boal, pois, segundo ele “o que conduz a autoativação dos espect-atores é o debate, não a solução que porventura possa ser encontrada” (Boal, 2012, p. 344). Ao final da aula, após a saída do público, dialogamos sobre a experiência.

Eu achei bastante criativo (risos). Refletir sobre o preconceito e a homofobia, a partir do fórum, é muito pertinente, pois serviu para alertar o público que aqui esteve, como também servirá de alerta para os meus alunos, acerca dessa problemática. Sem dúvida, saio dessa experiência bastante enriquecida.  
(Professora I, 2016, s/p)

O Fórum é essencial para discutir questões sociais, além de propiciar reflexões sobre o quanto somos opressores, em sala de aula. Ao me colocar em cena, como opressora (risos), pude refletir sobre a questão da homofobia e percebi o quanto a nossa sociedade, sobretudo a escola, é machista e preconceituosa.  
(Professora M, 2016, s/p).

A partir das falas das professoras, pude perceber que, após a experiência com o Teatro-Fórum, elas puderam refletir sobre suas ações sociais e políticas, propiciando assim considerações pertinentes sobre a homofobia no ambiente escolar, como também fora dele. Além disso, ao vivenciarem tal experimento, as alunas docentes interrogaram-se sobre seus próprios preconceitos, desconstruindo-os, fato que poderá possibilitar o desencadear de transformações “que não se devem determinar no âmbito do fenômeno estético, mas sim transferir-se para a vida real” (Boal, 2012, p. 364).

É importante ressaltar que a técnica do T.O foi utilizada como um método artístico-político, no intuito de oportunizar as docentes, a partir da aplicação daquela, em sala de aula, momentos profícuos de troca de experiências, bem como resoluções de conflitos e pré-conceitos sobre a diversidade sexual, o que pode facultar aos/as seus/suas alunos/as o entendimento de que as múltiplas identidades sexuais dos sujeitos inseridos (ou

não) no âmbito escolar devem ser respeitadas e debatidas em sala de aula.

### EXPERIMENTO ARTÍSTICO-POLÍTICO 2: DRAMA PROCESSO

O Drama Processo é um método desenvolvido pelos professores ingleses Dorothy Heathcote e Gavin Bolton, que tem por objetivo estimular a criticidade, a partir do trabalho em grupo, em torno de conflitos e soluções (possíveis) de conflitos, opressões e preconceitos (Cabral, 2009). Essa prática foi difundida no Brasil pela professora Beatriz Cabral, na década de 1990. De acordo com a sua pesquisa, o Drama visa

[...] explorar questões e problemas centrais à condição humana, e oferece ao indivíduo a oportunidade de definir e clarificar a sua própria cultura. É uma atividade criativa em grupo, na qual os participantes se comportam como se estivessem em outra situação ou lugar, sendo eles próprios ou outras pessoas  
(Cabral, 2006, p. 11).

Além dessas definições, Cabral (2006) classifica a metodologia por ela divulgada como uma prática sobre a pesquisa em que, a partir das intervenções, novos conhecimentos sobre o tema pesquisado surgirão. Afinal, trata-se de um processo de investigação contínuo, que ocorre de forma cíclica, no sentido de proporcionar aos/as educandos/as a descoberta e redescoberta de novas dimensões do material investigado (Cabral, 2006).

No curso Teatralizando a Sala de Aula, após a vivência com o Fórum, as professoras experienciaram o Drama Processo. Esses experimentos foram oportunizados como caminhos artístico-políticos, para que as alunas docentes continuassem refletindo sobre como a escola ainda se constitui, de acordo com Louro (2014), em um ambiente reprodutor de diferenças e desigualdades, motivando assim a homofobia. Ao praticar a pedagogia da sexualidade (Louro, 2000), esse espaço controla, de forma muito sutil, os corpos daqueles/as que ali transitam. Nas aulas, o objetivo principal era instigar as alunas professoras a criarem episódios (ou



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

cenar), a partir de um pré-texto<sup>14</sup>, construindo assim uma narrativa teatral acerca dos temas propostos (Desgranges, 2011), em que tais questões pudessem ser evidenciadas, problematizadas, investigadas, debatidas e solucionadas.

Em uma aula, apresentei uma cena – que foi utilizada como pré-texto para a criação dos episódios – em que interpretei um jovem garoto que sofria *bullying* homofóbico na escola. Essa cena, criada a partir das minhas memórias como aluno *gay*, em escolas públicas da cidade de Brumado, evidenciava o quão violenta é a homofobia, sobretudo quando originada dentro de um ambiente educacional.

Sozinho, em um quarto escuro, um garoto chora copiosamente por ter sofrido, durante toda tarde *bullying* homofóbico na escola. Suas falas demonstram desespero, desesperança. Ele se sente inferior aos/as colegas da classe. Não tem amigos/as, pois ninguém quer andar com ele. As professoras o veem como um aluno prodígio, porém, para se destacar ainda mais, é preciso que ele fale grosso, jogue bola com os meninos e paquere todas as meninas possíveis. Contudo, para seu desespero, ele não é e nunca será o garoto ideal para elas. Muito menos o filho másculo tão sonhado por sua mãe. Na verdade, ele é um nada! Um ser insignificante que não deveria ter existido. Uma pessoa que por onde passa é alvo de chacotas, risos... Dos seus olhos saem muitas lágrimas. Da sua boca, palavras tristes, desesperanças... Seu único sentimento: tornar-se inexistente. (Roteiro para a cena de Drama Processo)<sup>15</sup>

Após a apresentação, as discentes professoras começaram a criar os episódios, a partir de diferentes jogos de improvisação (imagens, cenas dramatizadas e dramaturgias simultâneas), com base em alguns temas<sup>16</sup> que

nortearam as cenas, no intuito de que pudessem buscar soluções imaginativas e, sobretudo, reflexivas, a fim de solucionarem o problema evidenciado.

Nessa aula, várias cenas foram criadas.<sup>17</sup> Uma que mais me despertou atenção, no entanto, foi quando no episódio 2 (abandonando a escola) a professora D, que interpretava uma educadora extremamente heteroterrorista, expulsa um discente *gay*, personificado pela aluna docente I, após humilhá-lo em sala de aula. No episódio seguinte (tentativa de resgate), a diretora da escola, interpretada pela educadora M, conversa com a docente homofóbica e solicita que ela repense seus conceitos e sua prática, em sala de aula, e procure imediatamente o aluno para lhe pedir desculpas por ser tão preconceituosa. Por fim, ela conversa com o aluno, pede desculpas e propõe ao educando que ambos participem de um curso de teatro, oferecido na escola, que propõe debater diversidade sexual dentro e fora do ambiente escolar.

É interessante notar que, com a solução dada pela docente D, ficou evidente para ela o quanto o Drama atua como um método político eficaz na discussão de temas como sexualidades, bem como a inserção, no jogo, de alunos/as *gays*, lésbicas, travestis e transexuais, para que sejam reconhecidos/as e respeitados/as por todos/as, fatores que vão ao encontro da proposta de Cabral (2009) de que o Drama atua como uma prática poderosa capaz de desestabilizar conflitos e preconceitos.

Após a criação dos episódios, dialogamos sobre eles. Para a professora M

É possível ver, a partir do Drama, a sequência das cenas. Existe o problema central,

<sup>14</sup> O pré-texto, de acordo com Cabral (2009), trata-se de um procedimento metodológico que norteará as interações dos participantes, no jogo.

<sup>15</sup> É importante informar que, para a apresentação da cena, não existiam falas pré-estabelecidas pelo roteiro. Essas foram improvisadas, durante a apresentação, de acordo com as ações e sentimentos descritos pelo *script*.

<sup>16</sup> Episódios: 1) medo e angústia na escola; 2) abandonando a escola; 3) tentativa de resgate; 4) de volta

à escola: será que eles ainda vão zombar de mim?; 5) final feliz?

<sup>17</sup> Vale ressaltar que durante as práticas com o Drama minha inserção como professor personagem ocorria quando as alunas docentes se entediavam com o jogo. Para que elas não perdessem o ritmo, lançava perguntas-chaves ou criava situações difíceis para que elas pudessem solucionar.





## TEATRO: criação e construção de conhecimento

propiciado pelo pré-texto, que vai nortear a criação dos episódios, em que os envolvidos buscarão soluções para os mesmos. Ao me colocar no lugar do outro, a partir do Drama, pude compreender o sentimento, a reação e todo o complexo de sentimentos vivenciados por quem sofre homofobia, o que me possibilitou a desconstrução do preconceito a partir da análise do quanto é difícil e doído ser oprimido, ser hostilizado, ignorado, alvo de chacotas, piadas e rótulos, por simplesmente ser quem é, diferente do que o preconceito diz que deveria (Professora M, 2016, s/p).

É possível perceber, a partir da fala da aluna docente, o quanto as práticas em Drama foram importantes para o processo de desconstrução de pensamentos pré-concebidos, das professoras envolvidas nessa ação, sobre a homofobia e as identidades sexuais, o que coaduna com a afirmativa de Hitotuze (2007), de que o Drama propicia à reinvenção daquele/a que o pratica, seja reinvenção dos pensamentos, ou a reinvenção de conceitos e ideologias. Assim, as discentes professoras puderam entender que se faz necessário promover experimentos em Drama Processo para os/as seus/suas alunos/as, pois esse jogo possui um rico valor político/pedagógico “que visa à transformação, à autonomia e ao desenvolvimento do potencial crítico-reflexivo” (Hitotuze, 2007, p. 194), de todos/as os/as envolvidos/as, fato que poderá propiciar novos olhares, novas leituras de mundo dos/as estudantes.

### EXPERIÊNCIAS QUE GERAM EXPERIÊNCIAS: REFLEXÕES DE UMA BICHA ARTISTA-DOCENTE

Então, me dou conta de que só posso fazer arte nos outros quando faço arte em mim. Percebo que os momentos em que algo aconteceu entre mim e o outro em sala de aula foram justamente aqueles em que me assumi atriz, fazendo arte (PEROBELLI, 2014, p. 235).

As memórias de um período tenebroso que vivi, no decorrer da minha infância, retornaram durante o curso. Em cada aula, nos jogos, como também no processo de criação e execução das cenas, visualizava aquele garoto alegre que, na escola, só queria

ter um/a amigo/a para brincar, mas que, por ser “diferente” de todos/as, era excluído. No entanto, mesmo com essas dolorosas lembranças, a vontade de tentar mudar a realidade de adolescentes *gays* e *lésbicas* – alunos/as das professoras discentes – me motivou a dar continuidade ao projeto, propiciando experiências teatrais oportunas às docentes, para que elas desconstruíssem preconceitos relacionados à homossexualidade.

Por fim, para finalizar essas reflexões proporcionadas pelo curso vou ao encontro da definição do termo experiência proposta por Jorge Larossa (2002): o termo experiência pode ser definido como aquilo que nos passa, que nos toca e que nos acontece, de modo próprio e particular. Para que isso ocorra é preciso, ainda de acordo com o autor, que o sujeito esteja receptível, “aberto, sensível, vulnerável e ex/posto” (Larossa, 2011, p. 7), pois só assim os/as envolvidos/as com a experiência poderão ser os/as protagonistas da sua formação, bem como de “sua própria transformação” (p. 7) como professores/as. Ao experienciarem práticas teatrais, em seus corpos, as alunas docentes assumiram a responsabilidade de receber o novo, o desconhecido. Ao se encontrar com as incertezas, as alunas puderam “alçar voos. Lançar-se em devaneios. Criar outras possibilidades. Fantasiar a realidade. Arriscar-se no desconhecido. Desfrutar da incompletude. Viver a poesia” (Perobelli, 2014, p. 236).

Foram tantas perguntas, medos, inquietações, receios, mas também curiosidades, desejos e sonhos (Goldberg, 2014) que fizeram dessa experiência um lugar de transformação pessoal e profissional, e também propiciou às docentes compreenderem o real valor do teatro, dentro e/ou fora da sala de aula como um ambiente político, crítico e autônomo, que propicia aos/as estudantes valiosas mudanças de paradigmas, como também valiosas aquisições de conhecimentos. Ao propiciar essa experiência para as professoras de Artes, da cidade de Jequié, a partir das práticas teatrais, pude contribuir para que elas



## TEATRO: criação e construção de conhecimento

repensassem suas posturas como educadoras, transformando as suas aulas num local de diversão, aprendizagem e respeito ao próximo, assertiva que vai ao encontro da proposta de Martins (2009) de que o teatro, ao ser trabalhado com docentes e alunos/as,

amplia a capacidade de intervenção na realidade dentro de uma perspectiva autônoma e democrática, ajudando a combater toda forma de preconceito social, incluindo a homofobia.

### REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Sávio de Oliveira (2005). *A cena ensina: uma proposta pedagógica para formação de professores de teatro*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.
- ARISTÓTELES (2011). *Poética*. São Paulo: Edipro.
- BENTO, Berenice (2011). Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 02, p. 548-559, mai/ago. 2011.
- BOAL, Augusto (2012). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOAL, Augusto (2013). *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naif.
- BORTOLINI, Alexandre (2015). *O T.O como ferramenta metodológica para discutir gênero e sexualidade*. Em: Flávio Sanctum & Helen Sarapeck (Orgs.). *Teatro do Oprimido e outros babados: a diversidade sexual em cena*. Rio de Janeiro: Metanoia.
- BRASIL (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- CABRAL, Beatriz Ângela Vieira (2006). *Drama como método de ensino*. São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru.
- CABRAL, Beatriz Ângela Vieira (2009). *Dorothy Heathcote: mediação e intervenção na construção da narrativa teatral em grupo*. Em: Adilson Florentino & Narciso Telles (Orgs.). *Cartografias do ensino de teatro*. Uberlândia: EDUFU.
- DESGRANGES, Flávio (2011). *Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec.
- FOUCAULT, Michel (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- FREIRE, Paulo (2014). *Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FURLANI, Jimena (2007). Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo. *Educação Sexual. Educação em revista*, v. 46, p. 269-285.
- GOLDBERG, Luciene Germano (2014). *O professor é a pessoa: e uma parte importante da pessoa é o professor*. Em: Solonildo Almeida da Silva & Simone Cesar da Silva (Orgs.). *Artes: interlocuções* IFCE e UFC. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- HITOTUZE, Nilton (2007). Um modelo pedagógico-teatral chamado Drama-Processo. *Revista Diálogos Possíveis*, v. 6, n. 2, p. 181-190.



- KOUDELA, Ingrid Dormien (2010). *Brecht: um jogo de aprendizagem*. São Paulo: Perspectiva.
- KOUDELA, Ingrid Dormien & SANTANA, Arão Paranaguá de (2005). Abordagens metodológicas do teatro na educação. *Ciências Humanas em Revista*, v. 3, n. 2, p. 145-154.
- LARROSA, Jorge (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, p. 20-28.
- LARROSA, Jorge (2011). Experiência e alteridade em educação. *Revista reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27.
- LOURO, Guacira Lopes (2000). *Pedagogias da Sexualidade*. Em Guacira Lopes Louro (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica.
- LOURO, Guacira Lopes (2014). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- MARTINS, Guaraci da Silva Lopes (2009). *“Encontro marcado”*: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades em espaços de educação. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Escola de Dança. Salvador.
- PEROBELLI, Mariene (2013). *Formação de professores: uma experiência teatral lúdica*. Em: Narciso Telles (Org.). *Pedagogia do teatro: práticas contemporâneas em sala de aula*. Campinas: Papirus.
- PROFESSORA D (2016). *Diário de Bordo do Estágio Supervisionado IV: Prática Artística Pedagógica em Projetos de Extensão*. Entrevistas concedidas a (e transcritas por) Caio César Silva Rocha nos dias 10, 17, 24 e 31 de agosto de 2016.
- PROFESSORA I (2016). *Diário de Bordo do Estágio Supervisionado IV: Prática Artística Pedagógica em Projetos de Extensão*. Entrevistas concedidas a (e transcritas por) Caio César Silva Rocha nos dias 10, 17, 24 e 31 de agosto de 2016.
- PROFESSORA M (2016). *Diário de Bordo do Estágio Supervisionado IV: Prática Artística Pedagógica em Projetos de Extensão*. Entrevistas concedidas a (e transcritas por) Caio César Silva Rocha nos dias 10, 17, 24 e 31 de agosto de 2016.
- SANTOS, Vera Márcia Marques (2013). *Trajetórias profissionais e formação docente: caminhos que se fazem na caminhada*. Em: Amanda Oliveira Rabelo; Graziela Raupp Pereira; Marcia Amelia de Souza Reis (Orgs.). *Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis: FAPERJ.



TEATRO: criação e construção de conhecimento